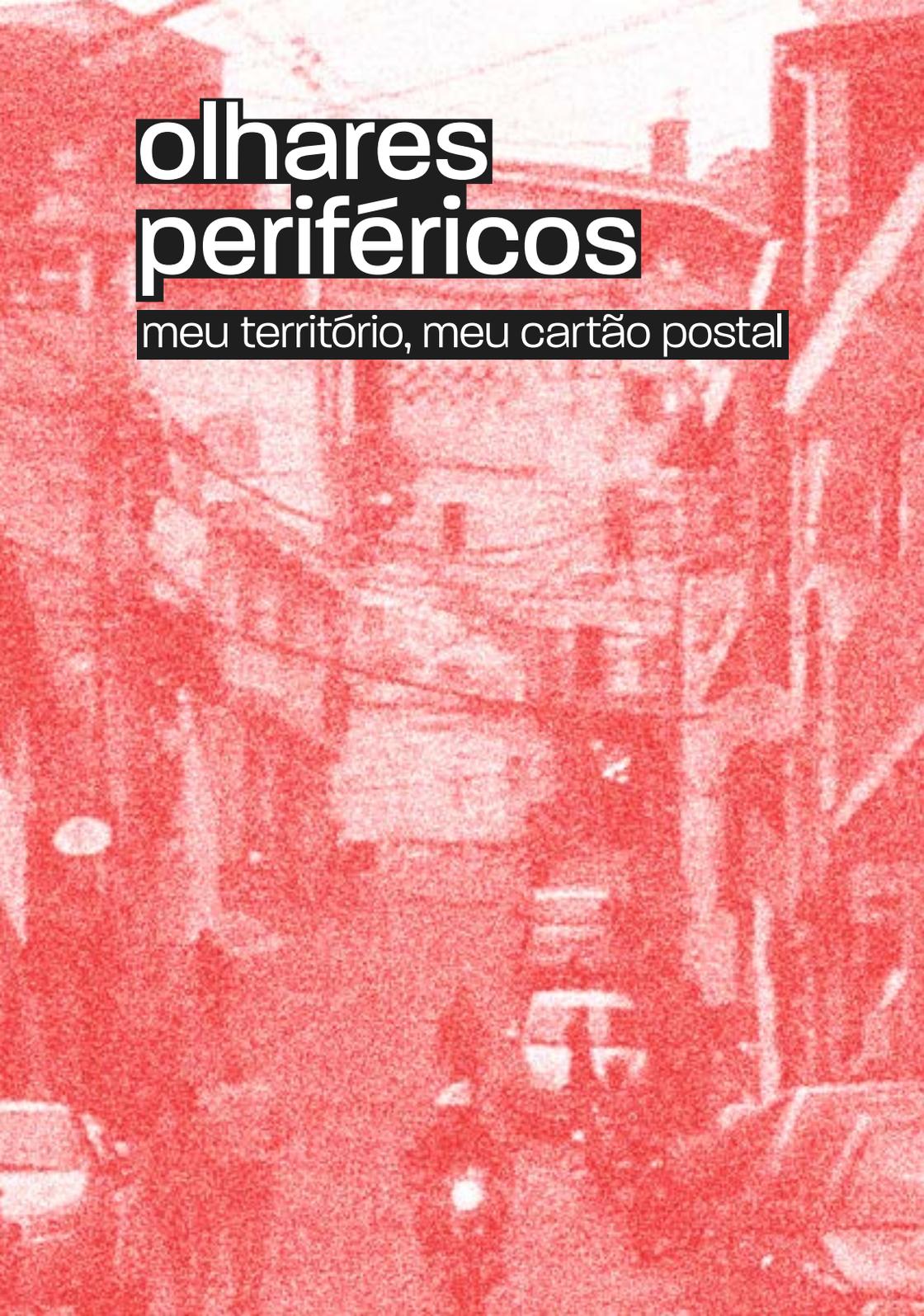




olhares periféricos

meu território, meu cartão postal



olhares periféricos

meu território, meu cartão postal



A prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, apresenta

olhares periféricos

meu território, meu cartão postal

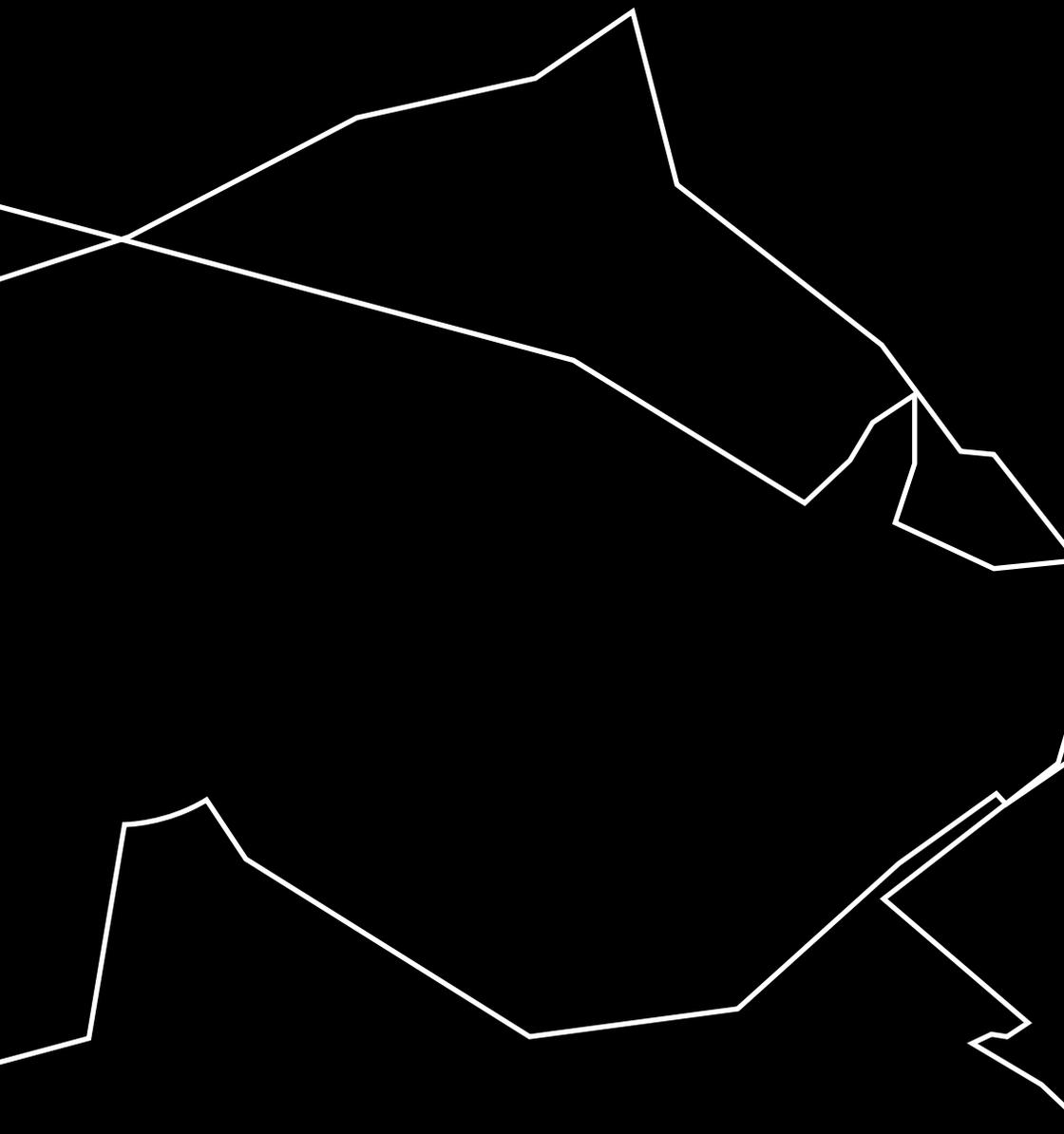
Experimentação em fotografia com jovens do Aglomerado da Serra

www.olhaesperifericos.com.br

2022



Um livro é sempre um objeto de invenção.
Aproveite para preencher, brincar e intervir
nesse material.





Faça o livro circular. Entregue a alguém que você goste, ou deixe em algum espaço de circulação (uma praça ou ponto de ônibus, por exemplo) da cidade.



10. **Apresentação**
13. **Vivências como uma metodologia de linhas ativadoras**
16. **Mapas afetivos**
33. **Fotografias**
121. **Mapa e trajetos: um esboço para olhar o (im)possível**
124. **Dispositivos**
133. **Créditos e agradecimentos**

Mais de 2 anos separam a idealização e a execução do projeto Olhares Periféricos. Quando a pandemia nos atravessou tivemos que abrir mão de realizar esse trabalho de forma totalmente presencial. Mas optamos por estender ao máximo até que fosse possível nos encontrarmos pessoalmente para a produção das fotografias e percursos no território.

Esta publicação foi construída a partir da circulação de um grupo de participantes de diferentes idades no Aglomerado da Serra e de encontros virtuais onde uma série de fotografias foi realizada e comentada. É resultado, portanto, de experimentações de um grupo composto por pessoas diferentes, com relações distintas com o território e com a fotografia, em diferentes momentos da vida: adolescentes, jovens e adultos.

Nosso ponto de partida nas oficinas, assim como neste livro, são os mapas. Foram 8 encontros destinados a experimentar as fotografias em relação aos mapas cotidianos. A partir das imagens nos encontramos e experimentamos outras formas de olhar, de escutar e, principalmente, outras formas de se relacionar com esse território. Escolher um trajeto cotidiano e olhar para o que nos chama atenção. Atentar-se ao próprio trajeto, para depois conversar e ir percebendo onde cada caminho se cruza ou se difere. Em seguida, realizamos juntos percursos no Aglomerado da Serra, registrando pontos e situações que apareceram nos mapas.

Dentre eles: “Baixada”, Arredores da escola Padre Guilherme Peter, Praça do Cafezal, Primeira água (Praça do Cardoso), Rua Herval, Rua União, Pracinha Próxima e Beco Santo Antônio, Campo Bola de Ouro, arredores do Centro Cultural Villa Marçola, Av. Jefferson Coelho, Rua Serenata, Passarela, Rua Bandônion, Volta e seus entornos.

Este livro, assim como o projeto, não tem a intenção de representar o Aglomerado da Serra. Essa tarefa é impossível, ainda mais se tratando da maior favela de Minas Gerais. Nossos percursos não alcançaram todas as oito vilas (Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Santana do Cafezal, Novo São Lucas, Fazendinha, Chácara, e Marçola) que compõe esse território; e mesmo que fosse possível passar por todas as ruas, becos, escadas e vielas, nunca daríamos conta da complexidade e multiplicidade de vidas que habitam esse espaço.

O conteúdo desta publicação se atenta a sensibilidades¹ do território identificadas pelo grupo que realizou as fotografias e relata um processo de experimentação com os olhares e sensações das pessoas envolvidas.

1. Como quando se olha diferente para a mesma rua e se pode dizer: eu nunca tinha percebido esta árvore aqui. Quando se relaciona com alguém na rua e, a partir de um primeiro olhar, pode se sentir à vontade para pedir para fazer um retrato. Quando se percebe que há mais lixo do que o normal, ou mesmo quando o grupo aponta diversas partes do Aglomerado de dentro da van. Por fim, quando se conta a história de vida de alguém, mas também quando permanecemos, juntos, em silêncio.

Este livro/catálogo aborda um processo e convida quem se encontrar nas páginas a seguir também a experimentar – assim como fizemos nos encontros on-line que realizamos. Produzíamos, entre um encontro e outro, um dispositivo que era visualizado por todas as pessoas do grupo, sem a centralidade da autoria.² Durante os encontros on-line adotamos dispositivos construídos colaborativamente tendo em vista atividades desenvolvidas por grupos que o Kumã coordenou durante a pandemia.

Conversamos a partir das imagens, sobre o que elas nos mostravam e nos faziam sentir, lembrar, pensar.

Acredito que as experiências de vivência com a criação artística possibilitam espaços de circulação de conhecimento não somente sobre as linguagens utilizadas como também sobre o entendimento de si mesmo e si mesma na construção de novas possibilidades para as pessoas que participam.

Esta pesquisa-intervenção aposta numa mudança crucial na atuação de artistas. Aqui, nos interessava muito mais operar como agentes que expandem as possibilidades para que as pessoas pudessem responder pelo próprio território do que decidir como cada uma delas deveria se relacionar com os espaços.

Vale ressaltar que adotamos nos dispositivos cartográficos as premissas da Olhares (Im)Possíveis, na quebra de lógicas de centralidade nos caminhos de produção de metodologias de trabalho em artes. Invertendo os caminhos da produção, apostando numa metodologia que teve sua origem em cidades do interior para posteriormente aplicá-la em Belo Horizonte. Discutiremos alguns deles no texto “Mapas e trajetos: um esboço para olhar o (im)possível” ao final da publicação.

Que este livro chegue a vocês como uma possibilidade de perceber outros olhares sobre o território. Todo o material foi produzido por 7 pessoas que residem no Aglomerado, a quem cito e agradeço imensamente: David Sousa da Silva, Júnia Moraes, Luiza Guedes, Morgana (Suelen Luísa Rodrigues Fagundes), Pedro Henrique Carvalho Golsalves, Reinaldo da Silva Santana e Thaíssa Vitória Pereira dos Santos.

Este projeto é de vocês!

Arthur Medrado

2. O trabalho foi baseado nas perspectivas do cinema de grupo, desenvolvida pelo Kumã Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Imagem e Som, da Universidade Federal Fluminense (UFF).



Vivências como uma metodologia de linhas ativadoras

Abaixo relatamos as práticas de vivência da oficina do Projeto Olhares Periféricos, realizado no Aglomerado da Serra.

• Encontro 1 - 04/12/2021 (Presencial)

O primeiro encontro foi presencial e aconteceu no Centro Cultural Vila Marçola. As propostas principais foram os desenhos de mapas – pensando os afetos e os trajetos dentro do Aglomerado da Serra – e a construção de cartões postais – através do registro de pontos e lugares durante o período em que o grupo circulou pelo território. Os pontos que marcaram esse trajeto foram: Baixada, arredores da escola Padre Guilherme Peter, Praça do Cafezal, Primeira água (Praça do Cardoso), Rua Herval, Campo Bola de Ouro, arredores do Centro Cultural Villa Marçola, Av. Jefferson Coelho, Passarela, Bandônion e o caminho de volta.

Nesse encontro temos como resultado o primeiro acesso dos participantes aos equipamentos fotográficos, os atravessamentos individuais acerca do território e suas diferentes perspectivas visuais e afetivas que surgiram nas fotos, conversas e mapas.

• Encontro 2 - 06/12/2021 (On-line)

O segundo encontro foi realizado de forma remota, através da plataforma Zoom. Nesse dia conversamos sobre a experiência do último encontro e iniciamos a sequência de dispositivos a serem realizados. Na ocasião, o dispositivo trabalhado foi **Câmera não é olho**. Consiste em escolher uma posição/ponto de vista/perspectiva para fotografar em que a câmera não esteja na altura dos olhos. É um convite a usar a criatividade e a experimentar um ponto de vista que não seja o dos olhos. Valem outras partes do corpo, um objeto do local, algo na rua etc.

• Encontro 3 - 10/12/2021 (On-line)

Abrimos o terceiro encontro vendo, anonimamente, todas as fotografias produzidas a partir do dispositivo **Câmera não é olho**. É sempre um desafio manter a proposta de não revelar a autoria, neste encontro – como em vários outros – existiram momentos de comentar as fotos e associá-las a quem produziu.

A recepção do grupo para o segundo dispositivo foi interessante. Eles se surpreenderam e colocaram a dificuldade de sair da costumeira perspectiva dos olhos. De modo geral, foi um encontro que permitiu perceber detalhes nas fotos, conversar sobre as propostas e maneiras de fazer e ver as imagens. Nesse encontro compartilhamos com o grupo o segundo dispositivo **Fotografe o que te olha**. Para pensar que sempre que olhamos algo (ou alguém) é possível sermos vistos, ou seja, também somos olhados.

• Encontro 4 - 13/12/2021 (On-line)

Seguimos com a proposta de iniciar o encontro vendo as fotografias produzidas a partir do último dispositivo proposto. Nesse encontro tivemos menos participantes presentes do que fotos produzidas – percebemos que o on-line não permite tamanho engajamento e presença quanto no presencial. O terceiro dispositivo compartilhado foi **Autorretrato**. Uma foto de si mesmo(a), mas que não pode ser uma selfie convencional. A proposta é sair da zona de conforto, usar a criatividade, brincar com os cenários, utilizar o timer, pensar sombras, reflexos etc.

Os dispositivos dois e três foram experimentados de maneiras diferentes. Analisamos nesse encontro o que tinha primeiramente aparecido como dificuldade e pudemos notar como **Fotografe o que te olha** foi reflexo do que estava próximo aos participantes, como animais, objetos caseiros, entre outras coisas.

• Encontro 5 - 17/12/2021 (On-line)

Abertura do encontro com os resultados do terceiro dispositivo que gerou algumas discussões acerca da metodologia escolhida. Foi um momento importante para que todos presentes pudessem expressar suas percepções sobre o processo, a metodologia, as discussões e a proposta final como um todo. Foram horas de discussões e ao final foi criado um roteiro para o dia seguinte (último encontro, presencialmente, para produção de fotografias).

O **autorretrato** teve menos entregas, considerando a dificuldade em sair da habitual selfie.

• Encontro 6 - 18/12/2021 (Presencial)

Nesse encontro trabalhamos com a criação do Mapa dos Sonhos – sonhos para o Centro Cultural, sonhos para o Aglomerado da Serra, sonhos para Belo Horizonte e sonhos para si. Vimos todas as fotografias produzidas no primeiro dia de saída no

Aglomerado; criamos categorias para agrupar as fotografias e iniciamos a seleção; fizemos uma última saída pelas ruas e becos para produção das últimas fotos. Após os participantes terem mapeado seus interesses, tivemos uma abrangência de desejos e sonhos presentes para aquele círculo dentro da Serra. Quando revisitamos os materiais nos materiais produzidos por todos, cada um pôde identificar e favoritar as fotografias individualmente criadas. Esse processo de edição foi importante para a determinação do nosso material final.

• Encontro 7 - 28/03/2022 (On-line)

O grupo retomou as atividades num encontro on-line quando vimos a primeira versão do livro. Além de reagir e comentar o material e o processo, foi definido que cada pessoa deverá selecionar 5 ou 6 fotografias que realizou para compor a exposição no nosso site.

Nesse encontro, o grupo percebeu como essas fotos vão compondo uma com a outra, a partir da montagem que se realiza e se efetiva no livro.

Pensem também se vocês querem escolher a sequência em que elas vão aparecer.

Denise dos Santos, Thamira Bastos e Arthur Medrado

Fotógrafes:

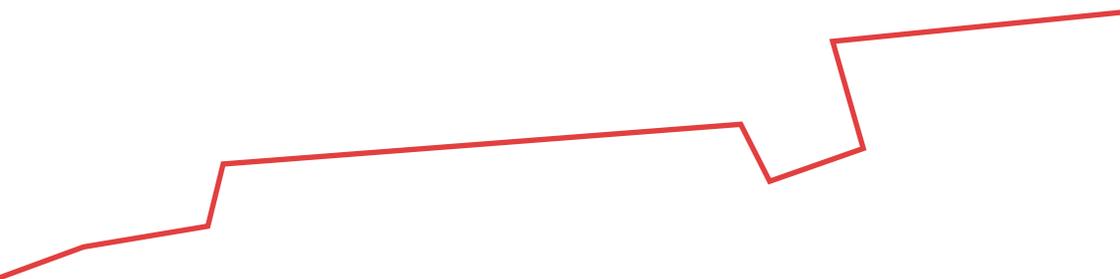
David Sousa da Silva, Júnia Morais, Luiza Guedes, Morgana (Suelen Luísa Rodrigues Fagundes), Pedro Henrique Carvalho Golsalves, Reinaldo da Silva Santana, Thaíssa Vitória Pereira dos Santos.

Locais visitados:

“Baixada”, Arredores da escola Padre Guilherme Peter, Praça do Cafezal, Primeira Água (Praça do Cardoso), Rua Herval, Rua União, Pracinha próxima e Beco Santo Antônio, Campo Bola de Ouro, arredores do Centro Cultural Villa Marçola, Av. Jefferson Coelho, Rua Serenata, Passarela, Rua Bandônion, o caminho de volta e seus arredores.

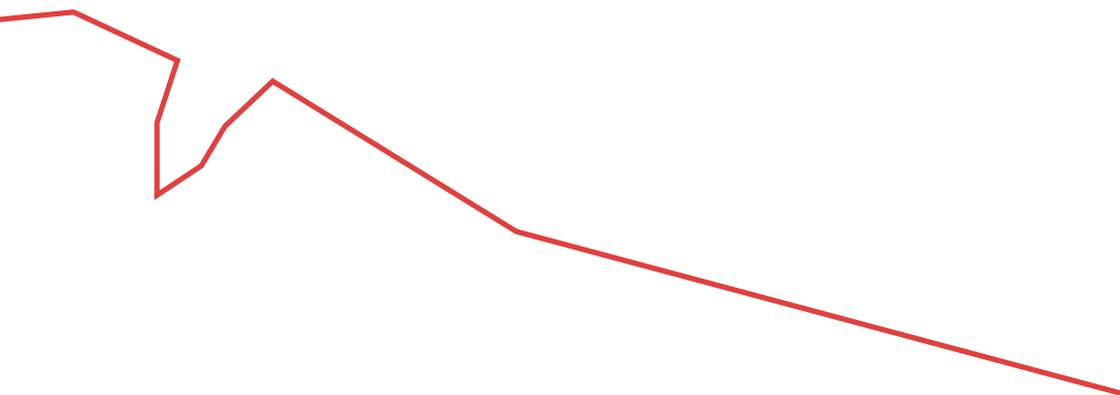


Mapas afetivos: pontos de partida na oficina.

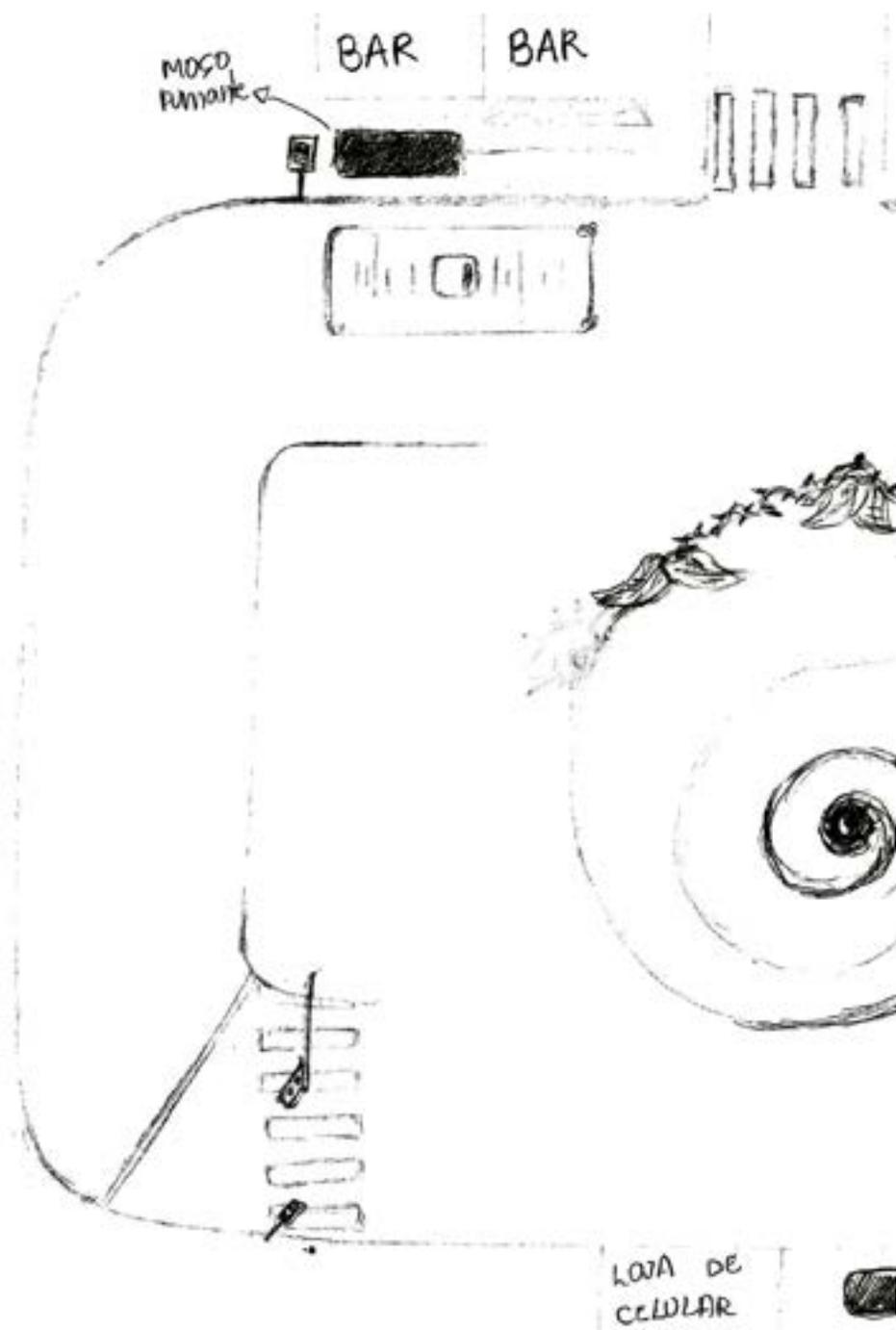


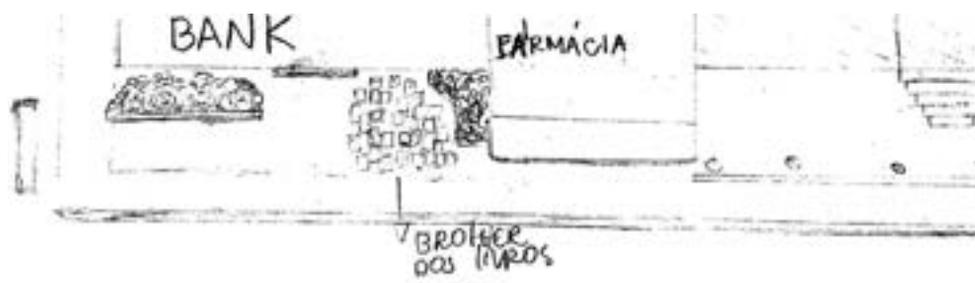


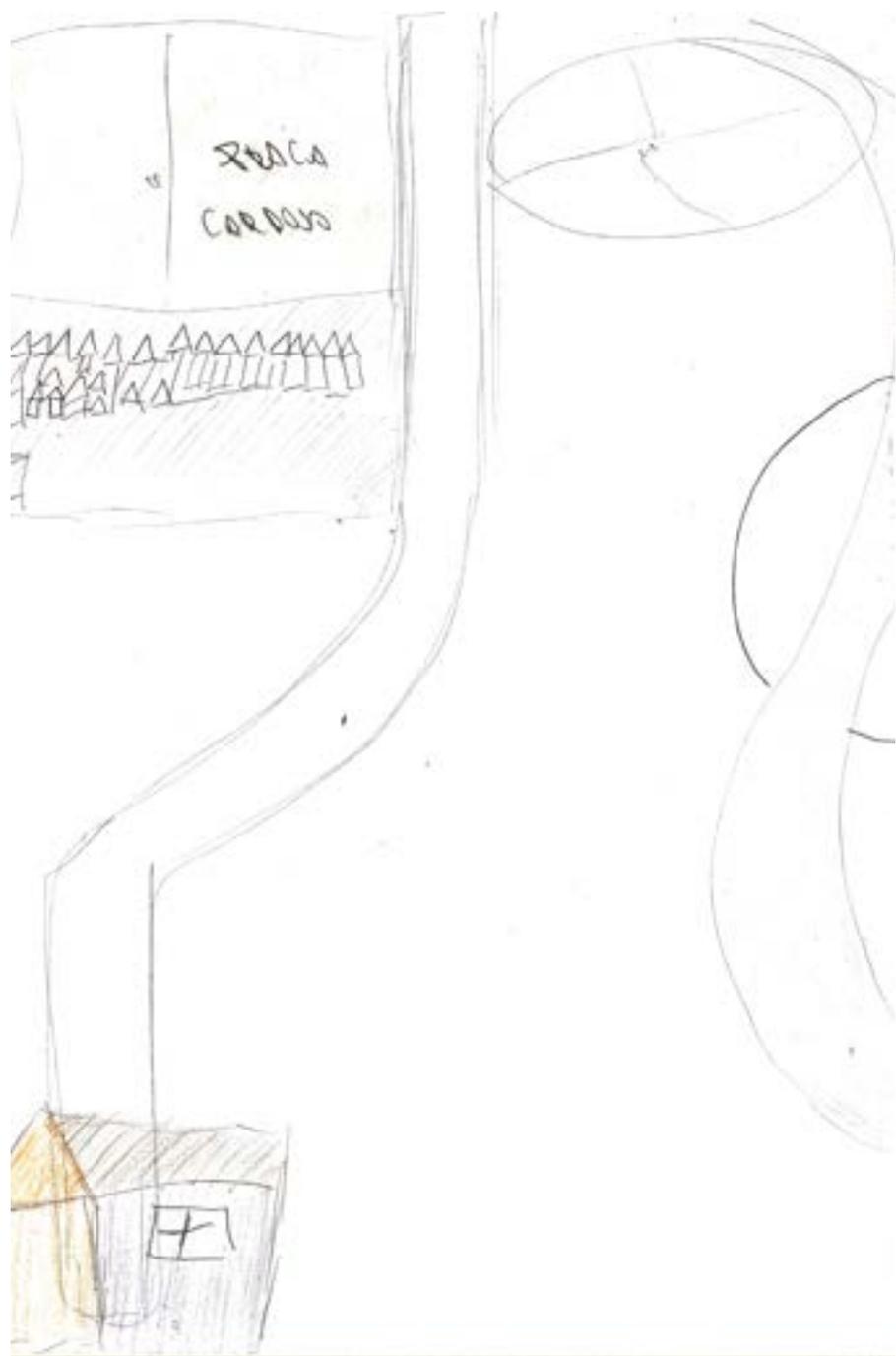
Escolher um caminho cotidiano.



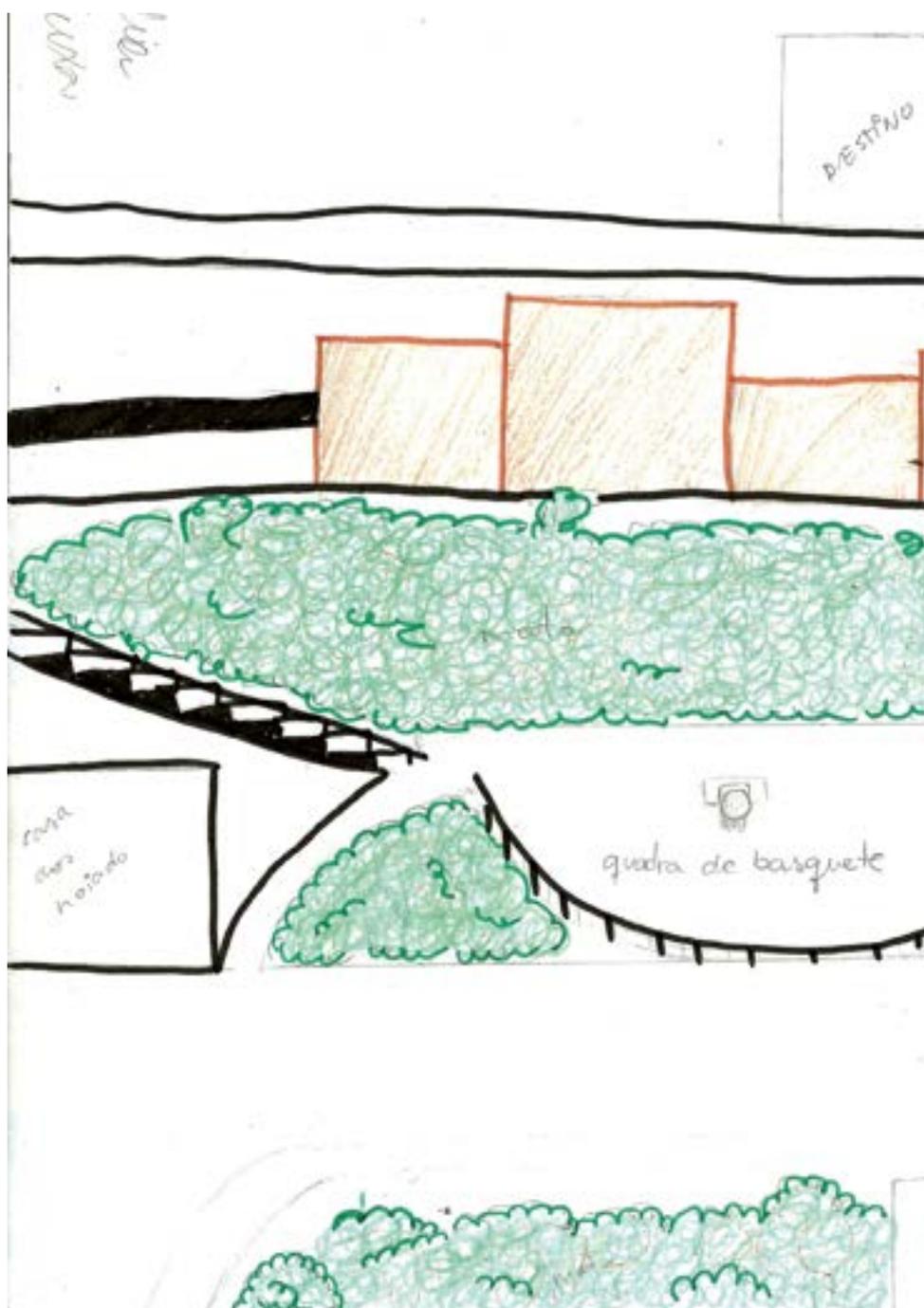
Registrar tudo o que chama atenção de um ponto a outro.

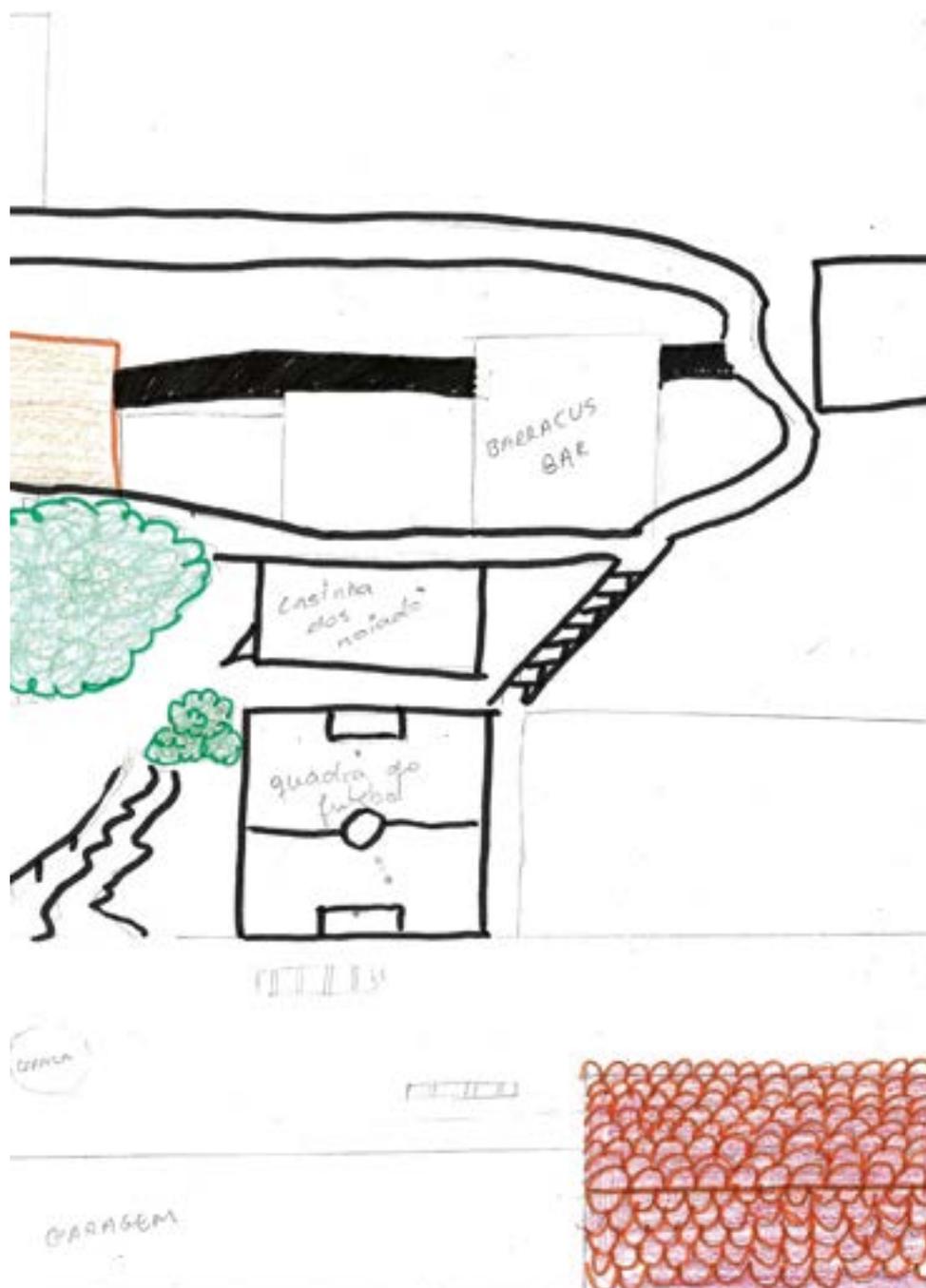




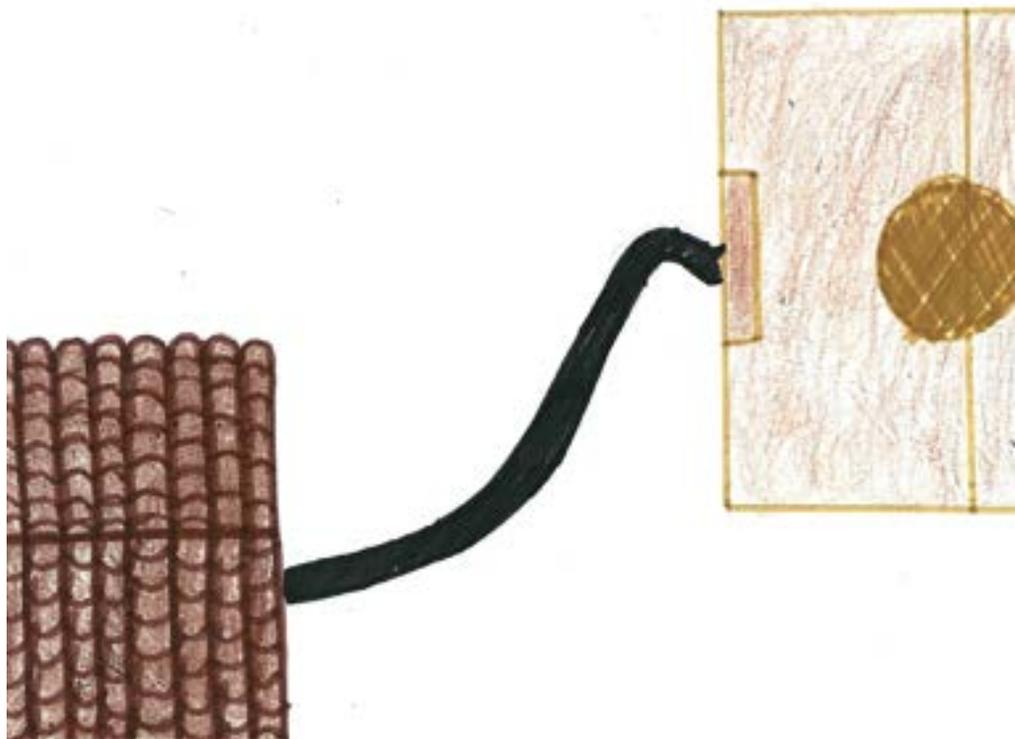








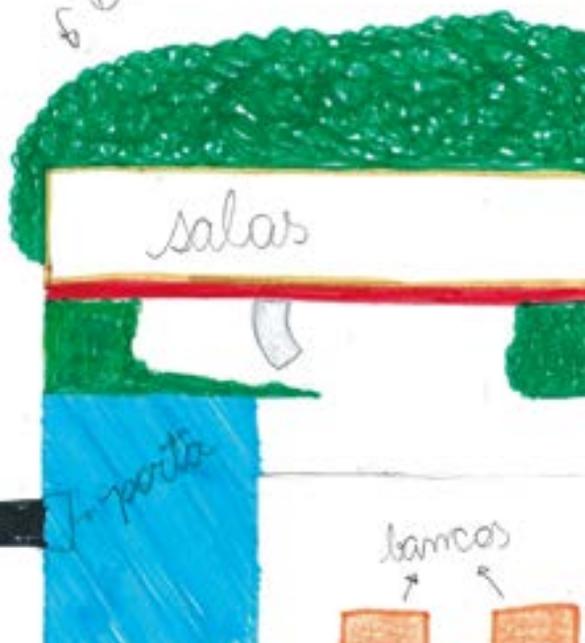
Mato
gigari

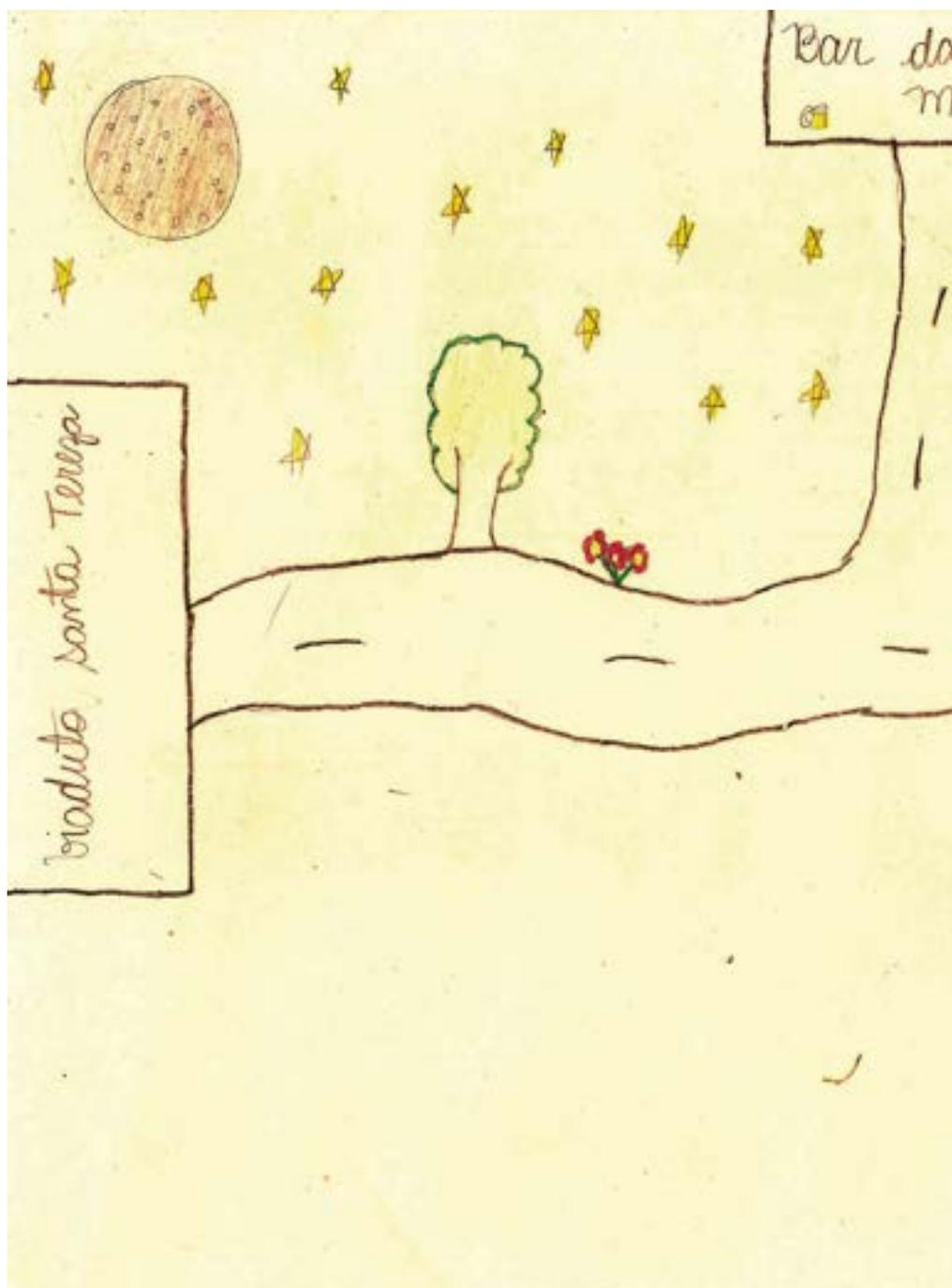


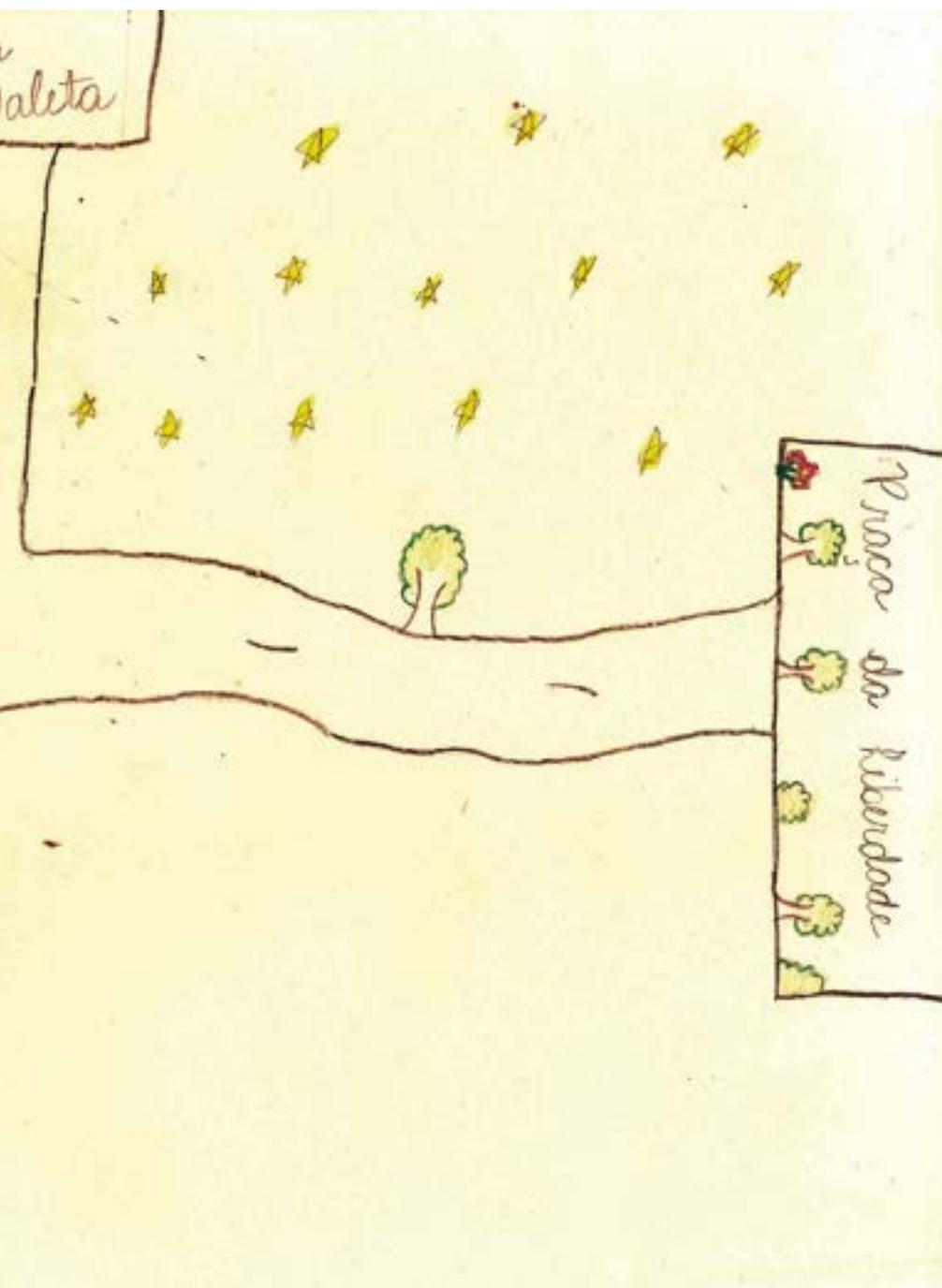
Antes



Escola

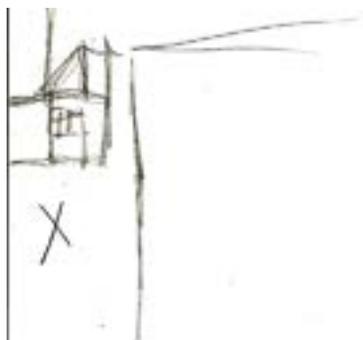




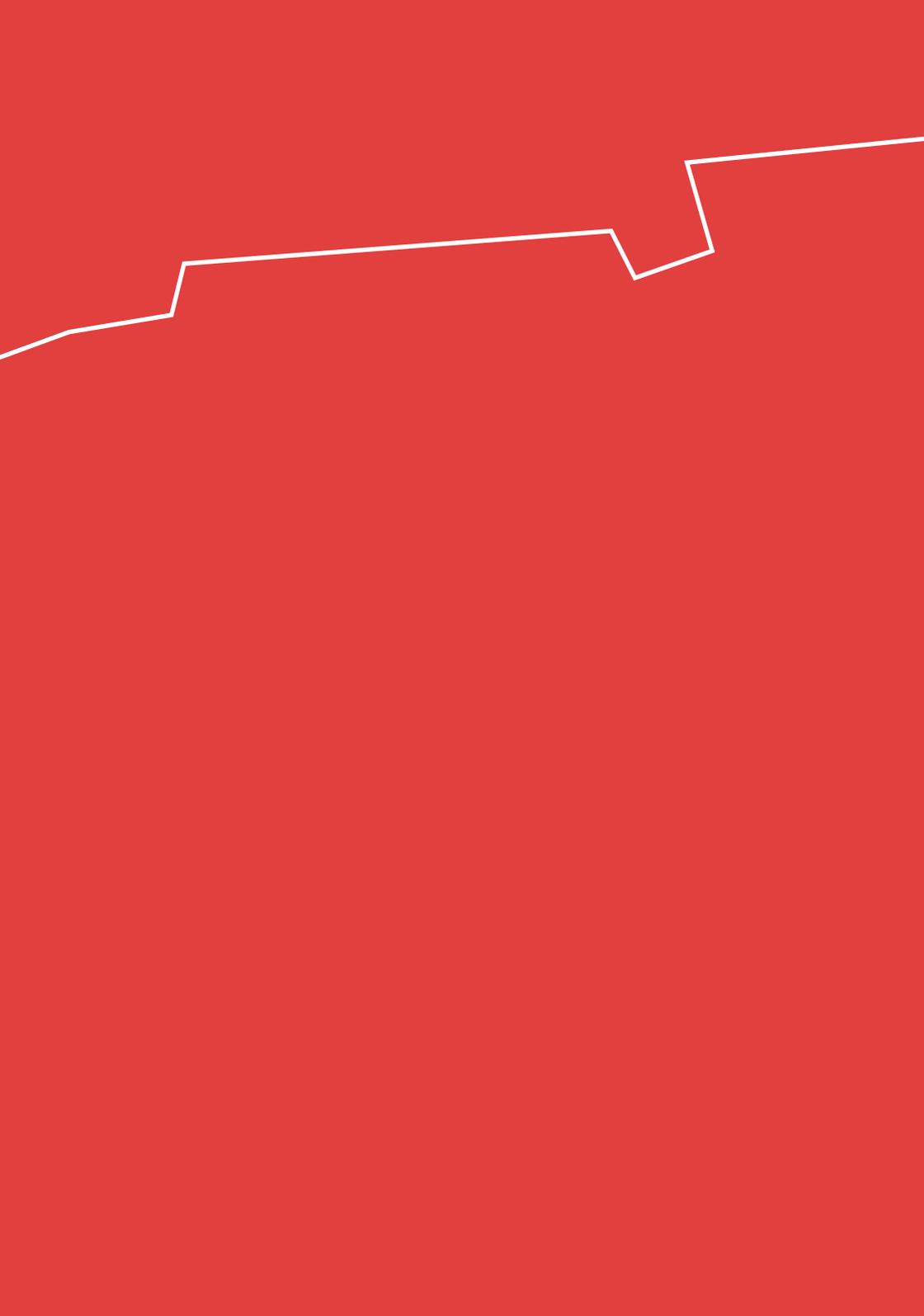


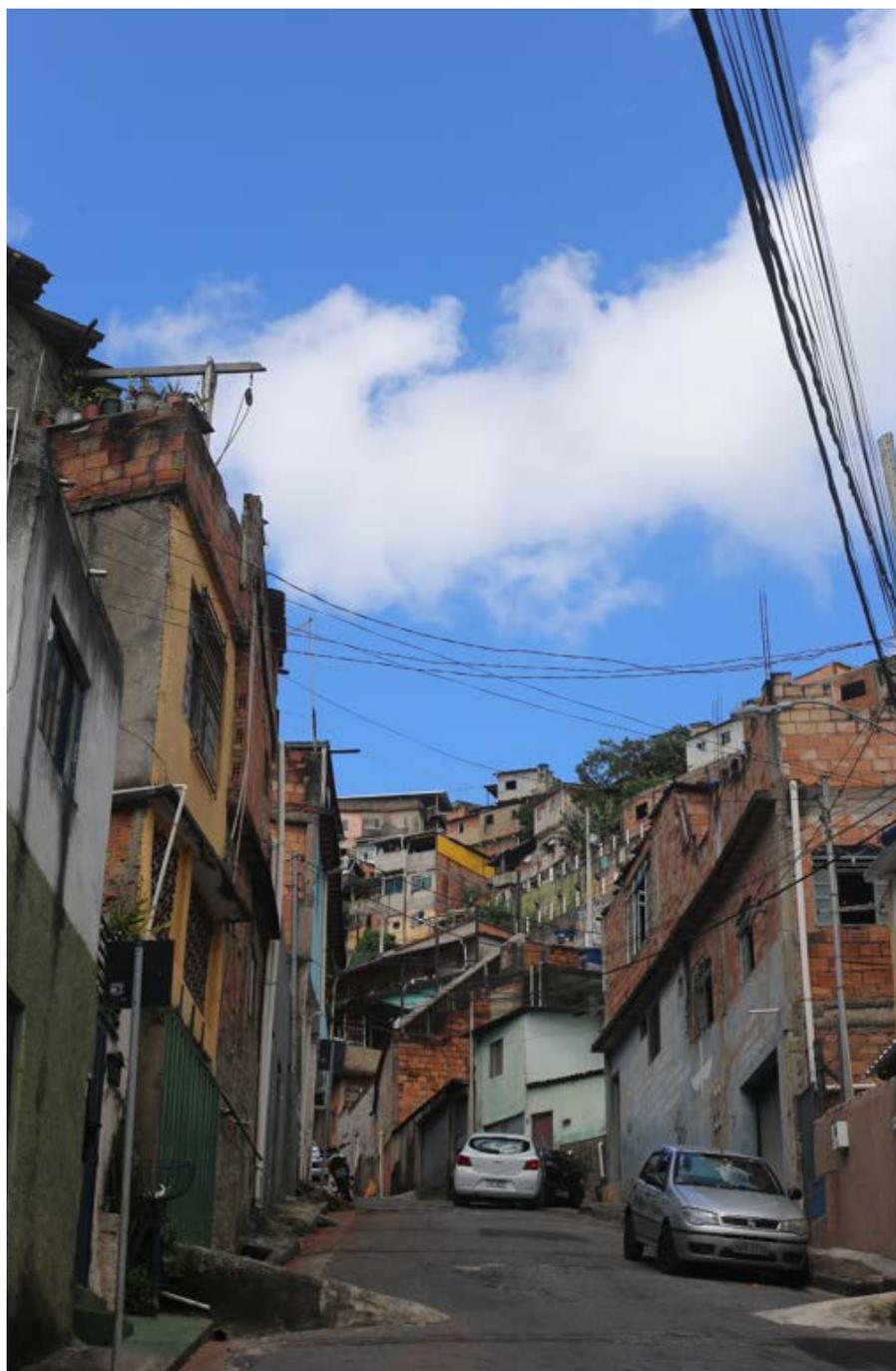




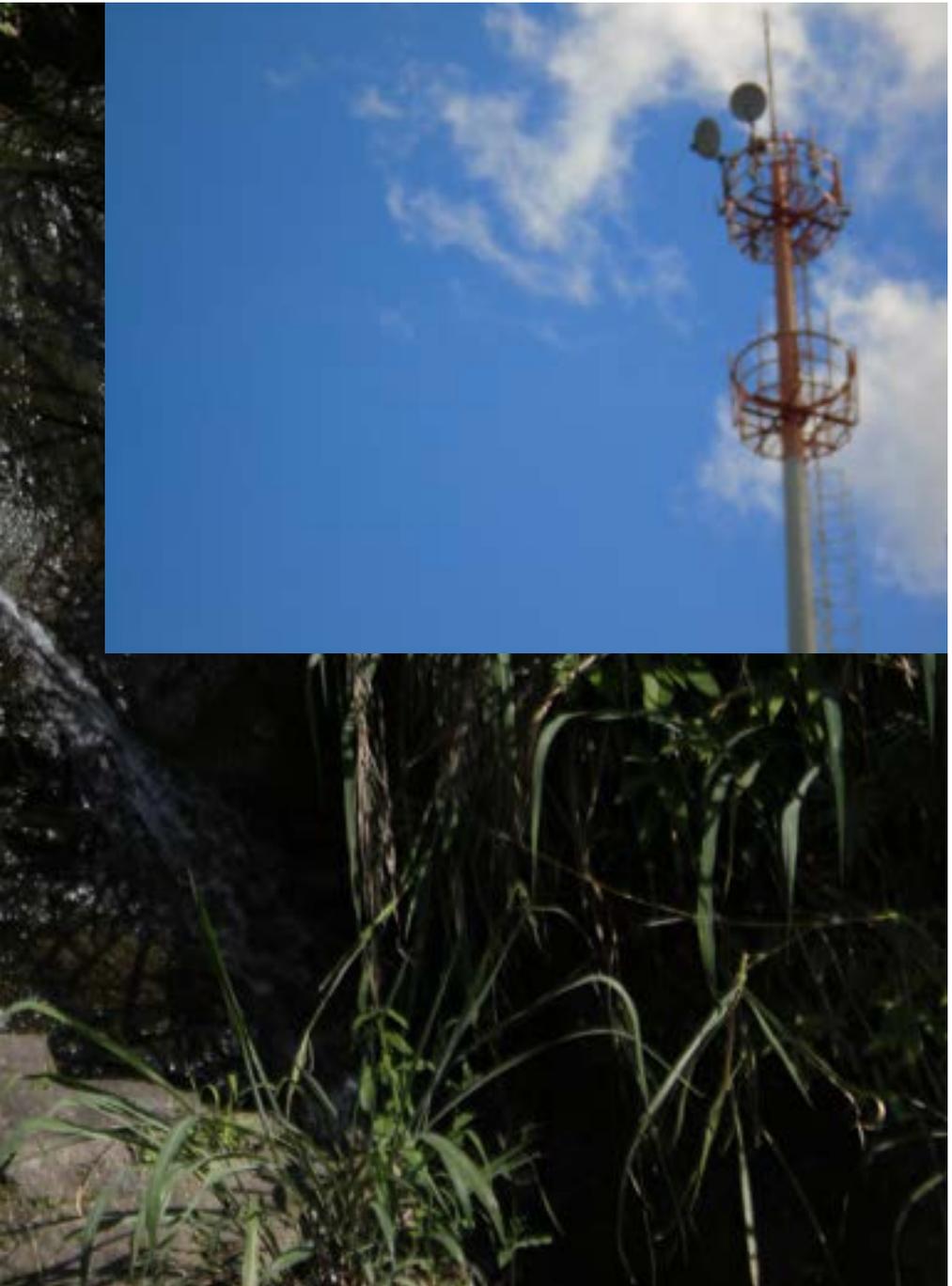


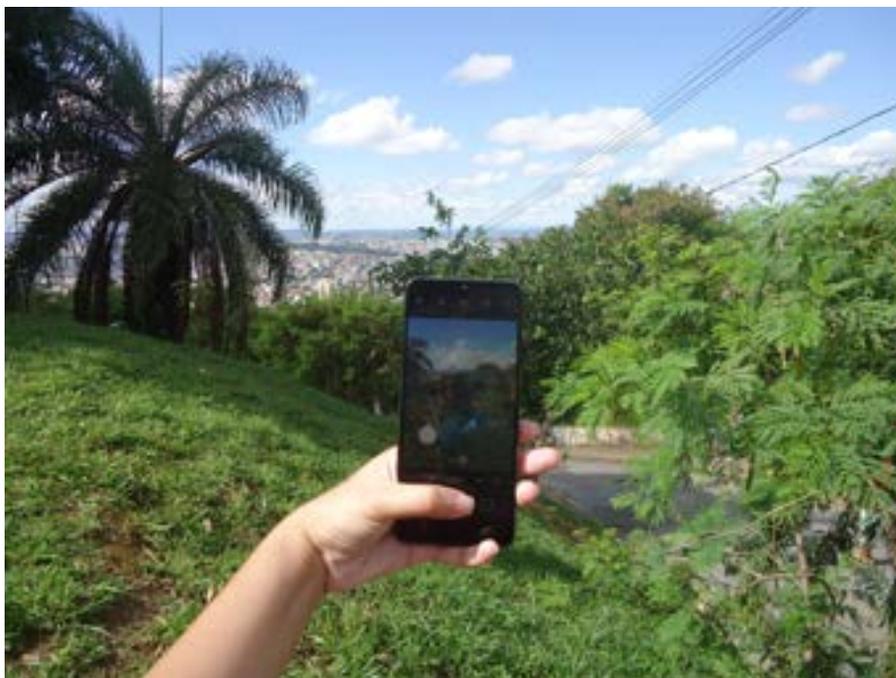
CENTRO CULTURAL VILA MARCOIA



























fotografe o que te olha



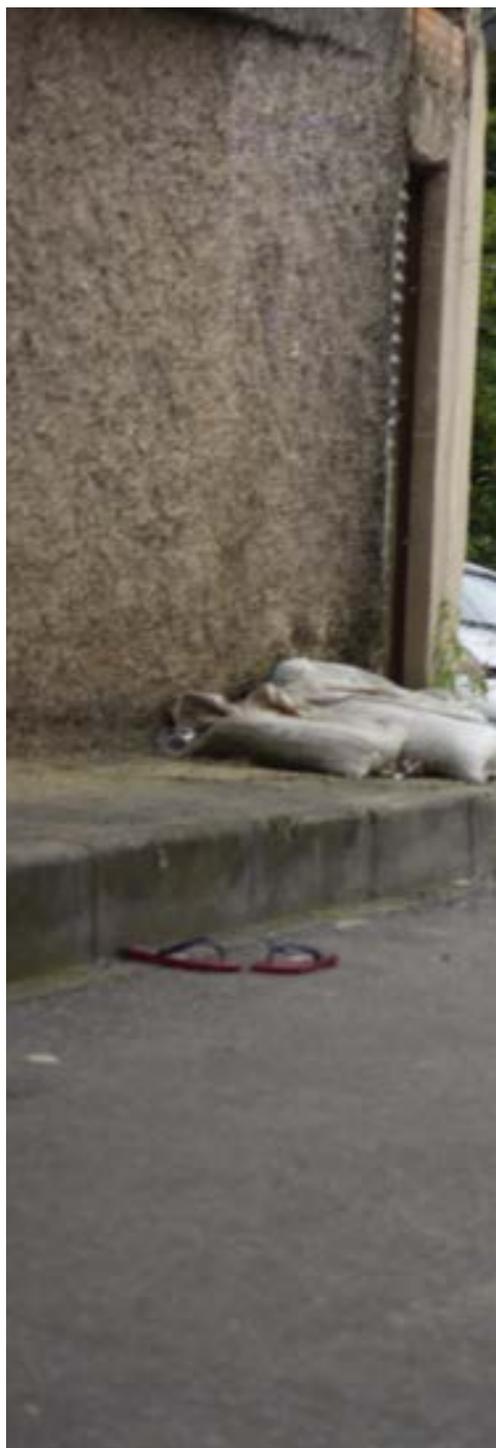








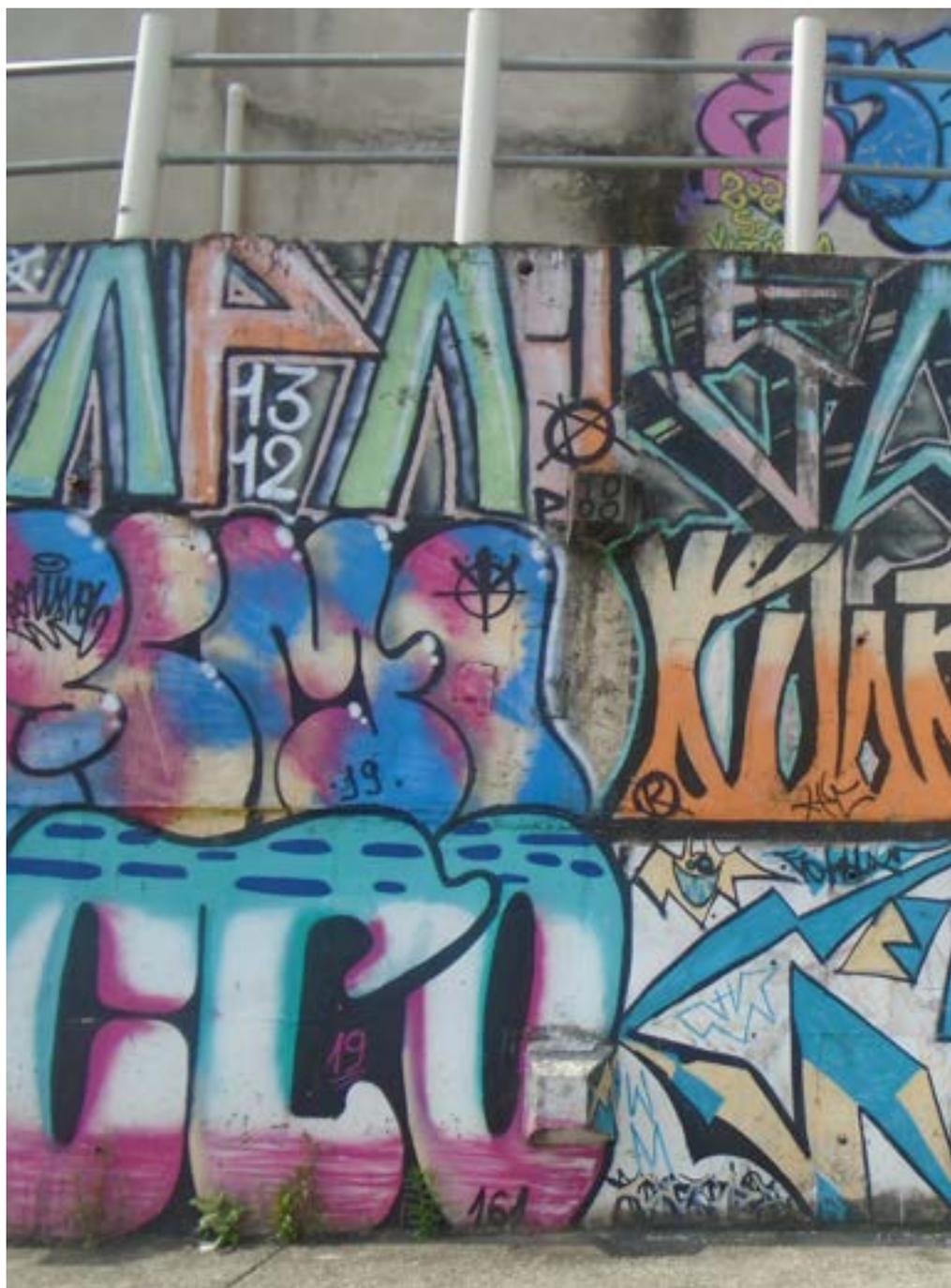




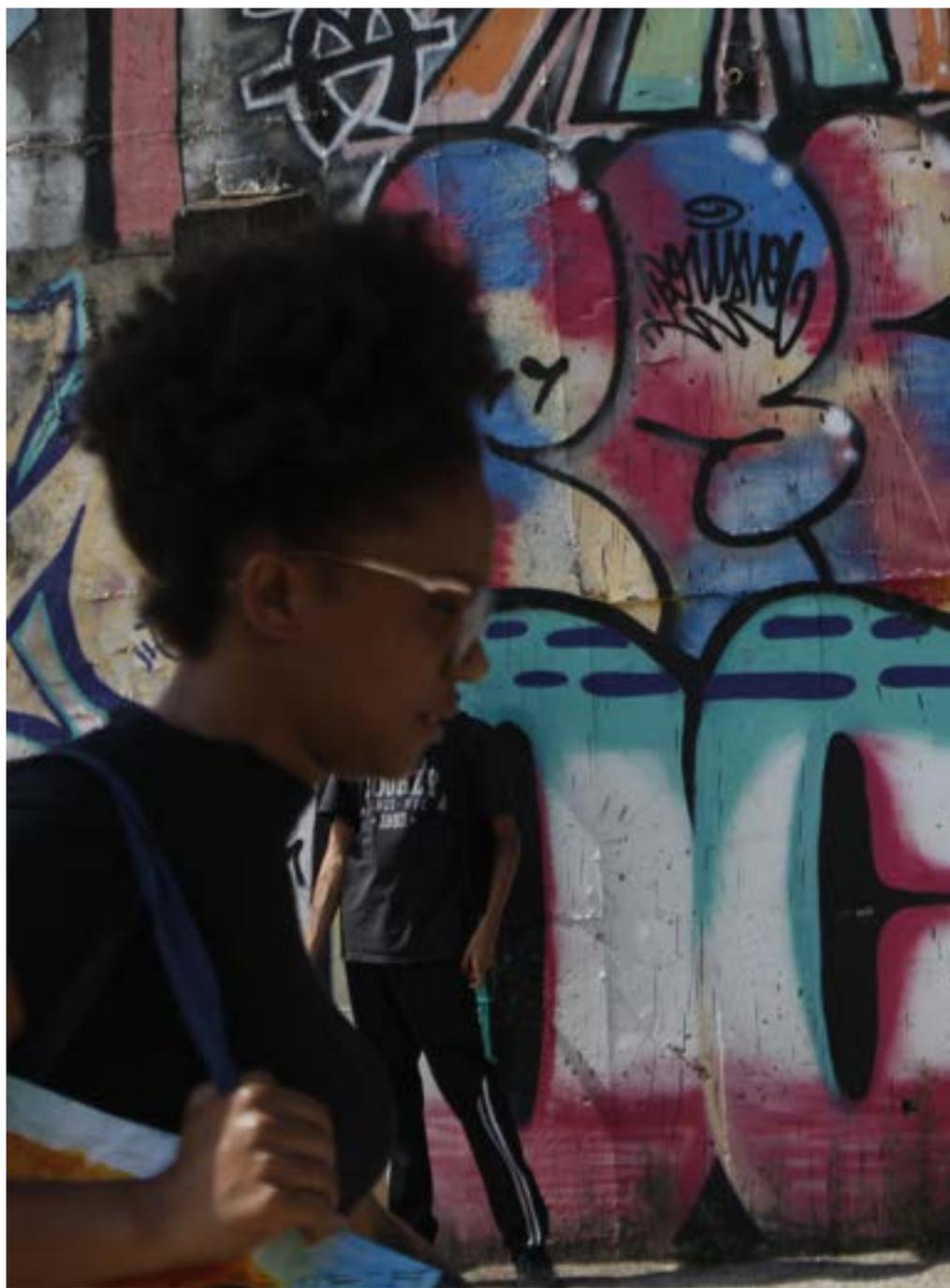




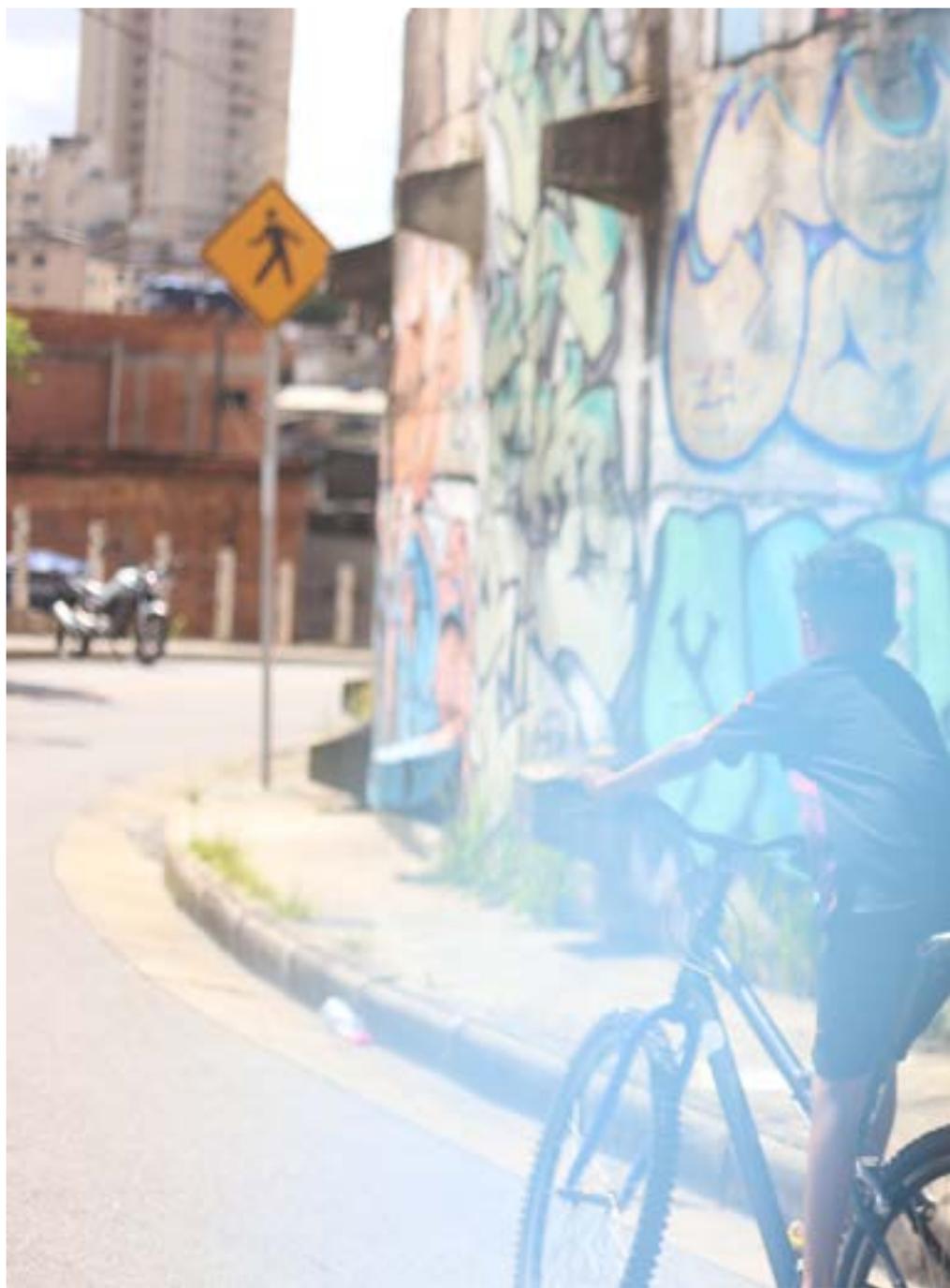
























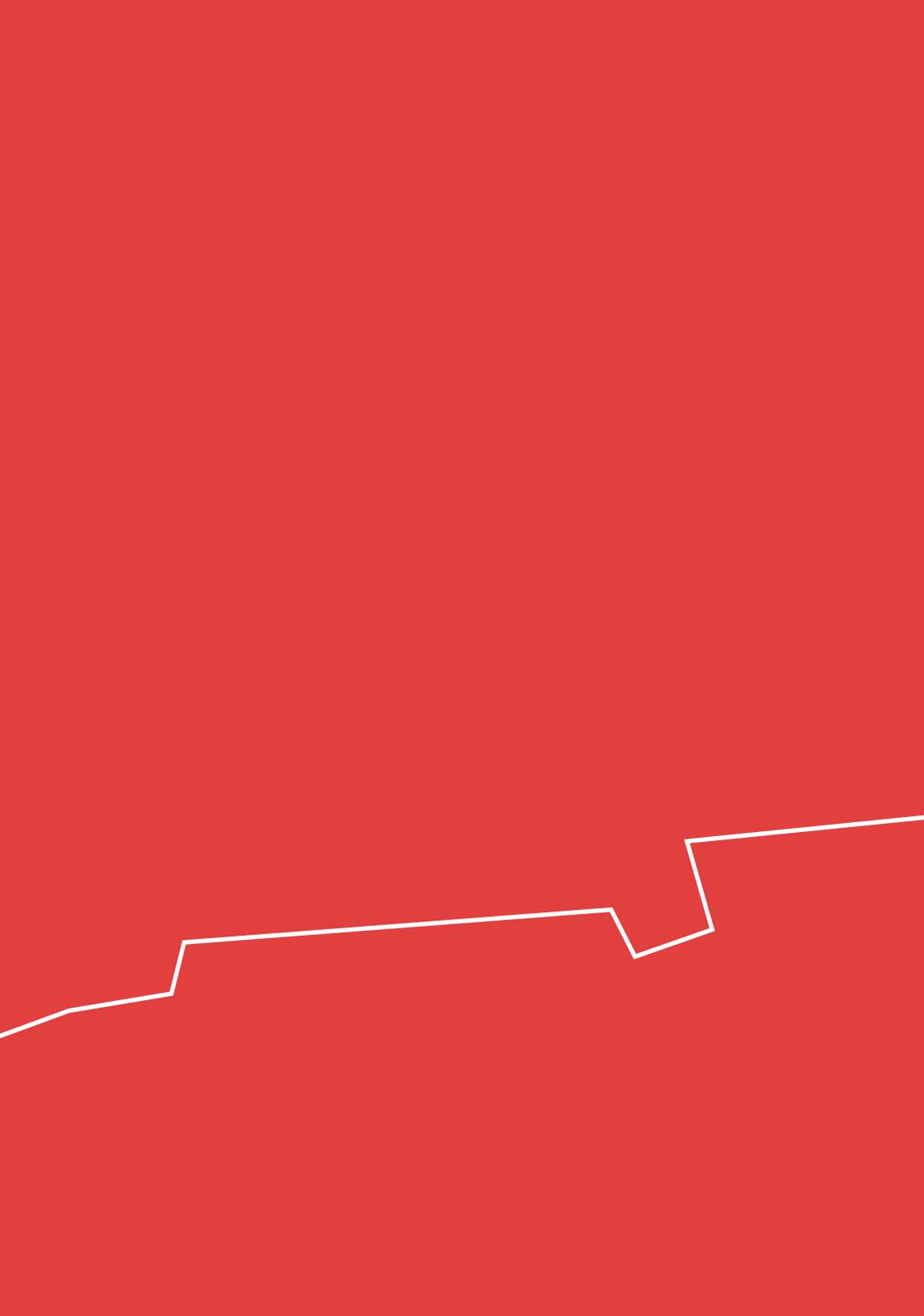












cartão postal

























câmera não é olho

































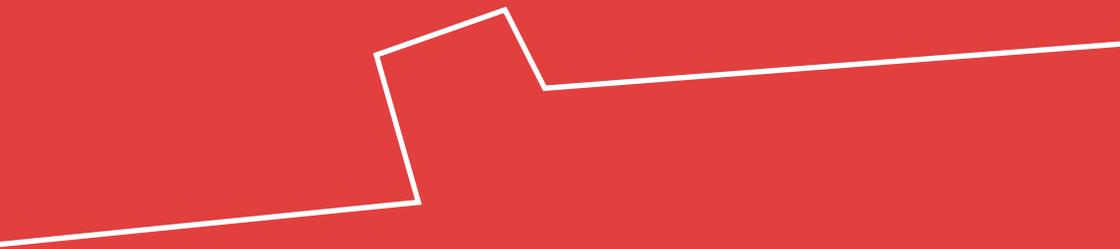








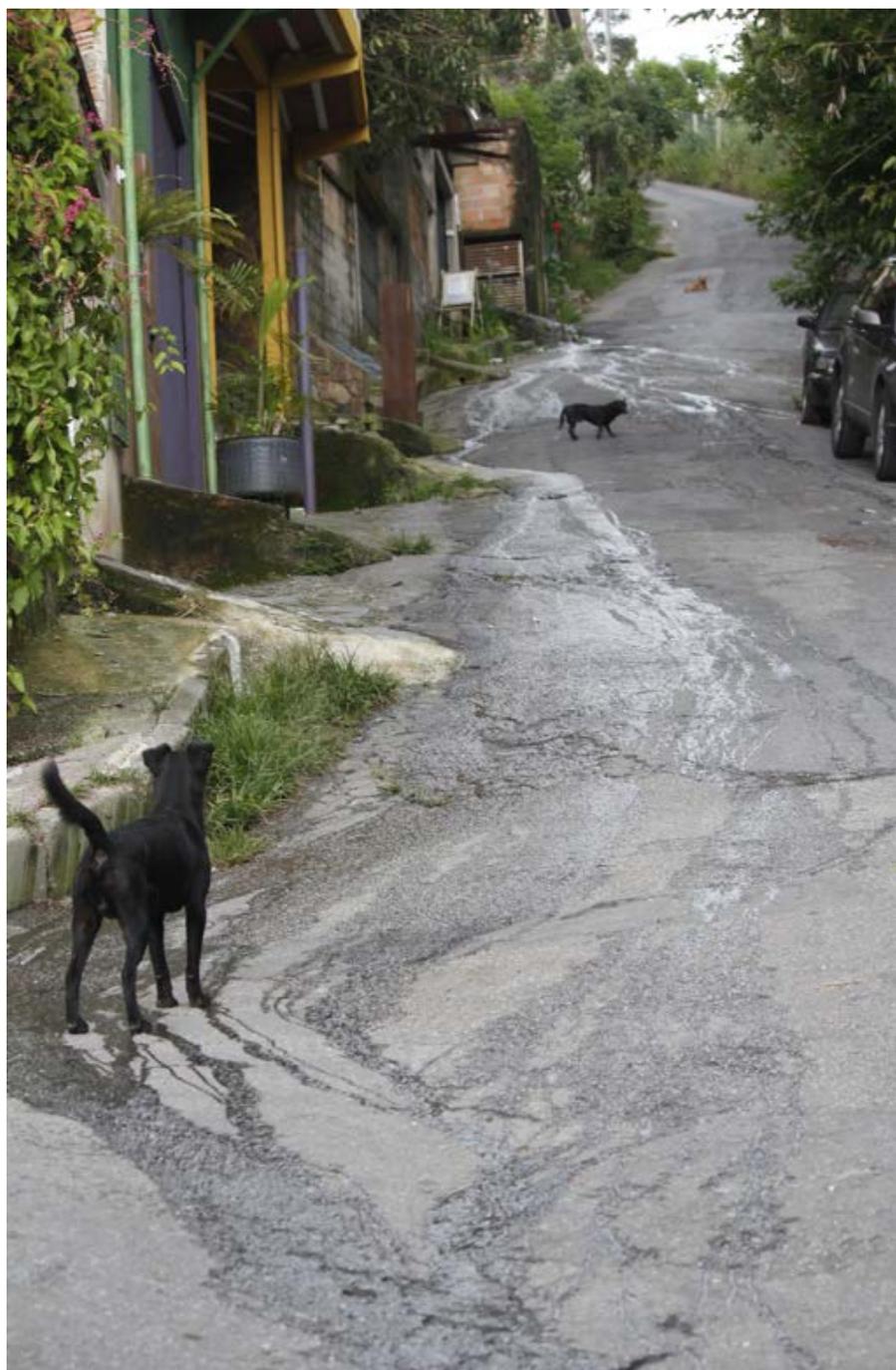
mapa dos sonhos

























Mapas e trajetos: um esboço para olhar o (im)possível

Há quem não goste de caminhos desconhecidos, há quem prefira se aventurar. Fato é que podemos aprender a partir do nosso próprio caminho cotidiano. A rua é aquilo que muda todos os dias, ainda que nossos caminhos sejam os mesmos e nos mesmos horários. Ela é uma excelente possibilidade de encontro com o acaso, com o (re)desconhecido. Caminhar, repetir o caminho cotidiano, pode ser a possibilidade de encontro entre o banal e o extraordinário.

Em 2015, quando iniciei de maneira mais consciente meus desejos em pesquisar uma cidade, fui provocado a experimentar os meus caminhos cotidianos na busca por uma estratégia de construir um tipo de performance política. Nesse caso: micropolítica. Para a ação *Ouro Preto postais grátis*¹ produzi quatro cartões postais que me deslocavam do meu próprio cotidiano, que questionavam a ideia de cartão postal convencional e traziam outras imagens de uma cidade histórica Patrimônio Mundial pela Unesco. Como se eu quisesse fazer possível o que ainda não tinha visto. Cidinho e Doca cantam no “rap da felicidade”, de 1995: “Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela. Só vejo paisagem muito linda e muito bela”. A paisagem “linda e bela” que mencionam esses MCs refere-se ao belo tradicional, ao que se institucionalizou como belo. O ponto turístico convencional, muitas vezes para gringo ver. Vinculei-me a um programa de pesquisa dois anos depois, em 2017. Mas levei comigo esse processo, transformando-o em um dispositivo que seria o ponto de partida da Olhares (Im)Possíveis. O Dispositivo Cartão Postal.

Dispositivo cartográfico que aponta, através da fotografia, os cartões-postais encontrados nos caminhos cotidianos dos/as estudantes. O ponto de partida para realização das fotos são os lugares/situações escolhidos nos mapas individuais realizados a partir da provocação: o que “chama a atenção no caminho de casa até escola”.

Resultado: “Os cartões postais mostram realidades da cidade a partir da lógica do sujeito que o realizou. Neles trabalhamos os afetos e as percepções do entorno de cada estudante. Eles quebram a lógica dos cartões tradicionais por visibilizar elementos da cidade que não estão nos guias turísticos, nas imagens do Google e nas redes sociais. Parodiam cartões-postais convencionais, com uma imagem na frente e uma descrição e espaço para selos na parte do verso.”

1. Agradeço a professora Nina Caetano que, durante a disciplina Performance e Política, do programa de pós-graduação em artes da UFOP, orientou o processo de produção dessa ação.

O primeiro contato de quem participa das oficinas/intervenções é o mapa afetivo do caminho cotidiano. Apresentar em uma folha aquilo que chama atenção no caminho de casa até a escola. Sentamos em roda (no chão ou em volta de uma mesa), produzimos cartografias individuais que, ao primeiro ponto de tinta no papel, já vão se tornando elemento constitutivo de uma cartografia coletiva. Dentro e fora, eu e outre ao mesmo tempo. A cidade vibra nas cores das pontas das canetinhas do tipo hidrocor manuseadas pelas mãos do grupo, geralmente sob intensa conversa. Em cada mapa, múltiplas conversas. Mapas que se encontram, que trazem pessoas, lugares, cheiros e sensações. Mapas que denunciam, que gritam, e mapas que se calam. Mapas de trajetos. Onde “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem”².

Lembro-me que no primeiro momento que realizei esse dispositivo, atentei-me a pensar como essa feitura de um mapa se configura como uma caminhada performática. Primeiro, por não ser um mapa de registro que acontece enquanto se caminha. Ou seja: é preciso acessar lembranças sobre o caminho realizado, que pode ser o do mesmo dia, o da semana anterior ou mesmo de um ano que já passou. Segundo, por convidarmos os/as participantes a pensarem a diferença desse mapa em dias e horários distintos, como também em estações do ano e outras variantes. Assim, de modo bem diferente das imagens do Google Maps: algumas vezes, pode ser, sim, noite no mapa³.

Desse modo, há algo de criação na feitura desse mapa que não necessariamente respeita o trajeto apenas da lembrança. Por isso, podemos percorrer com as sombras da noite um caminho que só fazemos de dia. Podemos enxergar em meio às vielas do Aglomerado. Podemos ir e voltar nas questões, pois a intenção é percorrer esses caminhos sem a pressão de encontrar a resposta certa. Podemos (re)fazer esse caminho fora do Centro Cultural – justamente quando estamos dentro deste. Performático também, pois não respeita necessariamente a cronologia, não é um mapa do presente, tampouco do passado e quando conversamos sobre os trajetos muitas vezes o que trazemos para o centro deles são possibilidades de futuro. De futuro no presente.

Realizamos coletivamente alguns caminhos. Portão afora, pés na rua, câmeras na mão. São outros tempos que se evidenciam quando estamos em grupo percorrendo trajetos na cidade. Esse tipo de performance que se realiza com um corpo coletivo: um grupo que ao caminhar vai ocupando espaços que antes pareciam hostis à sua presença. O mapa servindo como preparação para esse despreparo.

Avançamos as barreiras invisíveis. Nossa presença provoca outro ritmo no beco passarela: mais lento, pois não estamos respeitando as dinâmicas das compras.

2. DELEUZE, G. O que as crianças dizem. In: *Crítica e Clínica*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 83.

3. O curta de Ernesto de Carvalho, *Nunca é noite no mapa*, faz uma potente reflexão sobre as imagens de controle dos territórios a partir do Google Maps, onde nunca é noite.

Descemos para a Baixada para registrar os grafites numa praça, percorremos muitas ruas e vemos os cenários passando também de dentro de uma *van*, onde vamos trocando e conversando. Nesses caminhos não fazemos silêncio.

Escutamos muitas histórias, descrições e especulações ao redor dessas cartografias. Nos mapas encontramos pessoas, lojas, bares. A casa do meu amigo e até os muros grafitados da escola. Subimos escadas, percorremos os morros. Encontramos as plantas, o lixo, coisas que nos alegram e outras que nos deixam tristes. Como tudo pode, também encontramos mapas que nos levam a outras partes da cidade, fora do Aglomerado, onde adolescentes podem experimentar uma liberdade de estar “longe” de casa.

Uma volta no quarteirão do Centro Cultural para fazer fotos em plano detalhe. Um menino sobe o telhado atrás de uma bola de futebol, três cachorros se alinham na subida de um morro. Um churrasco acontece, o pagode ecoa. Meus amigos e eu conhecendo o Centro Cultural Vila Marçola, um lugar que estive sempre muito próximo, mas nunca nos permitimos entrar.

Aprendemos também sobre a importância dos espaços institucionais de acesso à cultura e arte. Aprendemos que podemos ocupar todos os lugares.

Tudo cabe num mapa, em nosso mapa, nesse tipo de mapa. Um mapa, outro e sempre: mapas. Com o quê? Do encontro inesperado à história traumática. Dos encontros cotidianos com os amigos que vão à escola comigo. Passo pela quadra de basquete, campo de futebol. Vejo um mato gigantesco, coisas que me incomodam. Posso entrar até numa partida de futebol e mostrar que os campos estão cheios de poças d’água. Os mapas nos ensinam que “a imagem não é só trajeto, mas devir”⁴. E como não são mapas que surgem de um processo hierárquico, ou que “vêm de cima para baixo”, tais mapas possibilitam lidar com trajetos e infinitas possibilidades. Mas o que importa mesmo são as conversas que eles geram. Os encontros que eles provocam, os assuntos e reflexões as quais eles nos levam.

Por fim, dos mapas dos caminhos partimos para os mapas dos sonhos. Um para a cidade, outro para o Aglomerado da Serra, outro para o Centro Cultural e, por fim, sonhos para nós mesmas. Sonhar é o próprio ato de criação. Sonhar é acreditar no (im)possível.

Esses mapas que nos levam onde nem sabemos que podemos chegar.

Arthur Medrado

4. DELEUZE, G. O que as crianças dizem. In: *Crítica e Clínica*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.



Fotografe o que te olha. Sempre que olhamos algo (ou alguém) também somos olhados. A ideia é fotografar o que nos olha.



Autorretrato. Uma foto de si mesma(o). Mas não pode ser uma selfie convencional. É para usar a criatividade, brincar com cenários, utilizar o *timer*, reflexos que encontramos em nossas casas e na cidade. Vale também pedir para alguém te ajudar a clicar.



Mapa dos Sonhos. São quatro camadas para sonhar e apresentar seus sonhos: sonho para a cidade, o bairro, para um espaço do Aglomerado e para si mesma(o).

A maioria dos dispositivos utilizados nos encontros on-line foram obtidos no site do laboratório Kumã da UFF. Parte desses dispositivos é, portanto, resultado das práticas dos grupos de cinema coordenados por diversas pessoas nas atividades do Kumã realizadas, entre 2020 e 2021, também de forma on-line e disponíveis no link: <https://padlet.com/labkuma/dispositivos>.

Escolha um caminho que você sempre faz.

Desenhe em uma folha o ponto de partida e o ponto de chegada.

Crie um mapa identificando tudo que te chama atenção de um ponto a outro.

**Escolha um lugar e/ou situação
para fotografar.**

Esse é o seu cartão postal.



olhares periféricos

meu território, meu cartão postal



Coordenação Pedagógica

Arthur Medrado

Coordenação de Produção

Layla Braz

Assistente de Produção

Cora Lima

Ministrantes de Oficina

Arthur Medrado

Denise dos Santos

Thamira Bastos

Fotógrafes

David Souza da Silva

Júnia Moraes

Luiza Guedes

Pedro Henrique Carvalho Gonsalves

Reinaldo Da Silva Santana

Suelen Luísa Rodrigues Fagundes

Thaissa Vitória Pereira dos Santos

Identidade Visual, Projeto Gráfico e Diagramação

Marco Chagas

Revisão

Glaura Cardoso Vale | Rosa de Areia

Website

Marcelo Sena

Tradução em Braille

Natalie Ribeiro

Transporte

Andrezza de Souza Oliveira |
Exploradores de Minas Turismo
e Receptivo

Alimentação

Conceição dos Anjos

Gestão Financeira

Diana Gebrim - Diversidade Gestão
e Desenvolvimento de Projetos

Assistentes Financeiras

Andreza Vieira e Raquel Silveira

Assessoria Jurídica

Diana Gebrim

Sociedade Individual de Advogados

agradecimentos

Luciana Matias, Violeta Penna, Ewerton Belico, Csy dos Anjos, Renca Produções,
Paulo Maia, Andreza Vieira, Glaura Cardoso Vale, Coletivo MICA.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Olhares periféricos meu território,
meu cartão postal : experimentação
em fotografia com jovens do
Aglomerado da Serra /
organizadores Arthur Medrado,
Layla Braz. – 1. ed. – Belo Horizonte,
MG : Ed.dos Autores, 2022.

ISBN 978-65-00-58549-0

1. Aglomerado da Serra 2. Fotografia
3. Fotografia - Aspectos sociais 4.
Fotografia -Brasil I. Medrado, Arthur.
II. Braz, Layla.

22-138713

CDD-779.9981

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias : Brasil 779.9981

Henrique Ribeiro Soares - CRB-8/9314

Impresso na Formato Artes Gráficas, em papel offset 90g, composto nas fontes Fira Sans, Fira Mono e Paralucent.



Um livro é sempre um objeto de invenção.
Aproveite para preencher, brincar e intervir
nesse material.

Faça o livro circular. Entregue a alguém que você goste, ou deixe em algum espaço de circulação (uma praça ou ponto de ônibus, por exemplo) da cidade.



APOIO



REALIZAÇÃO



Esse projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte Nº 1289/2018

INCENTIVO



CULTURA



